



## MANIFESTO

### *“Vamos construir juntos a Europa Social de amanhã!”*

A Europa está em suspenso, à medida que se aproximam as eleições para o Parlamento Europeu de 2019. Este é, portanto, o momento ideal para refletir sobre o que poderá ser a União Europeia do futuro e, acima de tudo, o que nós, entidades da Economia Social, gostaríamos que fosse.

Acreditamos nos valores fundamentais da Europa e enalteçemos o legado histórico e ímpar que marca para sempre a história da humanidade: paz, democracia, estado de direito, respeito pelos direitos humanos e livre circulação. Estes valores fazem com que a União represente uma conquista histórica excepcional para a humanidade. Continua a ser notável verificar que neste pequeno território, com a sua profunda diversidade histórica de culturas e idiomas, tenha sido possível dialogar e trabalhar em conjunto, apesar das guerras frequentes travadas no passado.

Ao longo de 60 anos, a Europa e todo o mundo mudaram. A crise económica, financeira e da dívida soberana ainda não foi superada. As marcas são evidentes: acentuação da pobreza, das desigualdades e do desemprego, especialmente entre a população mais jovem. Paralelamente, as mudanças geopolíticas prejudicam a capacidade de os Europeus trabalharem em conjunto, quer se trate dos gigantes do mundo digital, do aquecimento global, dos fluxos de migrantes ou do terrorismo.

Perante tais desenvolvimentos, a União não poderá responder com as ferramentas do costume, ou seja, alargando o mercado, criando uma maior liberdade e abertura, derrubando fronteiras e estabelecendo uma grande área de livre circulação para todos os Europeus.

A maioria dos Britânicos votou contra a Europa da liberdade e da integração económica no referendo do «Brexit».

Para além disso, a União não poderá limitar-se à «clientela» do costume. Historicamente, a sua política foi acolhida por empresas, estudantes, pessoas qualificadas e pertencentes às camadas mais favorecidas da sociedade. No entanto, a Europa também tem de alcançar as pessoas pobres, desfavorecidas do ponto de vista da educação e enraizadas localmente, que não beneficiam das liberdades, considerando-as ameaças em vez de oportunidades.

Todos os cidadãos procuram tranquilidade e segurança, mas existe uma divisão entre quem beneficiou do projeto europeu e quem está sujeito a desigualdades e solicita proteção à Europa. São muitos os que questionam a própria natureza ou «raison d'être» da União (Quais são os seus objetivos? Ainda tem futuro?) ou até a representam como sendo o Cavalo de Troia da globalização. No entanto, há quem esteja simplesmente resignado e indiferente, e que já não se preocupe.

O reforço da coesão económica, social e territorial é, por Tratado, um dos principais objetivos da UE. No entanto, tal ainda não foi alcançado. Consequentemente, os cidadãos mais afetados pelas desigualdades sentem-se esquecidos e excluídos do projeto Europeu. Portanto, estes cidadãos não conseguem entender quais são as vantagens de fazer parte da União Europeia. O que fazer para os «incluir» e fazer com que voltem a sentir que fazem parte do projeto europeu?



Une initiative de la



---

A mudança urge, por isso as próximas eleições europeias são aguardadas com ansiedade. Espera-se uma mudança em prol da Europa da solidariedade, em que a coesão económica, social e territorial se torne realidade. A Europa tem de ser capaz de garantir a segurança física e económica de todos. Há que melhorar a vida quotidiana dos habitantes e proteger o ambiente onde vivem.

O projeto europeu ainda não foi concretizado, sendo que a UE não dispõe da capacidade necessária para abordar as questões mais prementes para os cidadãos. Consideramos que devem ser conferidos à UE mais poderes supranacionais com vista a abordar as questões cruciais e reconquistar a confiança dos cidadãos no projeto da UE.

É urgente restabelecer a ligação com uma narrativa europeia pronta a ser implementada. O cerne da questão consiste em conseguir que todos os Europeus tenham a perceção de «nós os Europeus» e não «eles em Bruxelas» ou até «eles, os Continentais», como se chegou a ouvir no Reino Unido. A identidade nacional e local não é incompatível com a identidade europeia. A identidade europeia assenta na história, na cultura e nos valores nacionais e locais.

O tema da proteção tem estado no centro das consultas realizadas aos cidadãos organizadas pela Comissão Europeia. Muito se falou sobre Europa social, saúde, solidariedade, ambiente, trabalho e emprego. Foi precisamente relativamente a estas questões que a Europa ficou sem fôlego, sem ideias e sem vontade política comum.

A proclamação do pilar europeu dos direitos sociais revelou uma nova face da Europa: uma Europa social que protege os cidadãos e que é capaz de satisfazer as respetivas necessidades concretas de saúde e proteção social.

As entidades da Economia Social desempenham um papel essencial na implementação do pilar europeu dos direitos sociais. Contribuem para o crescimento económico e para a criação de emprego, colocando na linha da frente os valores da solidariedade, da inclusão social, da governação democrática e da primazia do indivíduo, assim como o objeto social acima do capital.

Ao escrever este Manifesto nós, entidades da Economia Social e membros da família europeia de intervenientes na sociedade civil e no progresso social, acreditamos na mobilização dos cidadãos nos 28 Estados-Membros, uma mobilização para a qual pretendemos contribuir no período que se avizinha. O modelo social permite oferecer respostas para a crise económica, social e democrática que afeta a Europa. Temos como ambição revitalizar as ideias inerentes à criação da União Europeia e colocar o futuro da proteção social na Europa no centro dos debates políticos nacionais.

Pretendemos difundir a visão de uma Europa justa, redistributiva e respeitadora dos seres humanos e do ambiente. Estamos convictos de que os valores da solidariedade e a noção da vida organizada em sociedade são o que nos caracteriza enquanto Europeus.

Incentivamos todos os cidadãos europeus a manifestarem a coragem de defender o projeto europeu em todas as questões que atualmente ameaçam a sua legitimidade. Em suma, se desejamos a paz, há que cultivar a justiça.

